

### O CRIME

MILHARES de leitores comemoraram o primeiro meio milhar de crônicas de Carlos Drumond de Andrade no «Correio da Manhã». Saudemos aqui o poeta que tôda manhã desce até nossa mesa de café vestido de prosa e nos faz ficar mais inteligentes e sensíveis lendo o que êle escreve. Saudemos o escritor fino e o homem firme; o lírico e o satírico; e — ai de nós, faltosos, irregulares, incorrigíveis! — o colega melhor e certo, o honrado trabalhador pontual como a Lua.

Antes dessas 500 crônicas eu já lia crônicas de Drumond e não é demais supor que, apesar de meu natural desleixado e irregular no escrever, eu tenha sofrido muito sua influência de cronista (e de poeta) em minha apagada prosa. Ninguém diria — obtemperará o leitor. Mas se o primeiro cronista que me influenciou de fato, e me deu vontade de escrever crônicas, foi Orestes Barbosa, ninguém se livra de ficar devendo um pouco a todo mundo, desde Montaigne a Jacinto de Thormes — e Drumond sempre foi de minha devoção.

Devoção e vou confessar nesta oportunidade, proveito. Aconteceu em São Paulo, por volta de 1933, ou 4. Eu fazia crônicas diárias no «Diário de São Paulo» e além disso era encarregado de reportagens e serviços de redação; ainda tinha uns bicos por fora. Fundou-se naquela ocasião um semanário humorístico, «O Interventor», que ainda vive sob o título de «O Governador». Seu dono era Laio Martins, excelente homem de cabelos brancos e sorriso claro, boêmio e muito amigo. Pediu-me colaboração; e que podia pagar era muito pouco, mas eu não queria faltar ao amigo. Escrevi algumas crônicas assinadas. Depois comeci a falhar muito, e como Laio reclamasse inventei um pretexto para não escrever. Seu jornal era excessivamente político (perrepista, se bem me lembro) e eu não queria tomar partido na política paulista, mesmo porque tinha muitos amigos anti-perrepistas. Laio não se convenceu: «então ponha um pseudônimo!».

Prometi de pedra e cal, mas não cumpri. Laio reclamou novamente, me deu um prazo certo para lhe entregar a crônica. No dia marcado eu estava atarefadíssimo, e quando veio o contínuo buscar a crônica para «O Interventor» eu cocei a cabeça — e tive uma idéia. Acabara de ler uma crônica de Carlos Drumond de Andrade no «Minas Gerais», órgão oficial de Minas, com um pseudônimo — algo assim como Antônio João, ou João Antônio, ou Manuel Antônio, não me lembra mais: ponhamos Antônio João. Botei papel na máquina, copiei a crônica rapidamente e lasquei o mesmo pseudônimo.

Dias depois recebi o dinheiro da colaboração, juntamente com o pedido urgente de outra crônica e um recado entusiasmado do Laio: a primeira estava esplêndida!

Dai para a frente encarreguei um menino da portaria, que estava aprendendo a escrever à máquina, de bater a crônica de Drumond para mim; eu apenas revia, para substituir ou riscar alguma referência a qualquer coisa de Minas. Pregada a mentira e praticado o crime, o remédio é perseverar nesse rumo hediondo; se às vezes senti remorso, eu o atogava em chope no bar alemão ao lado, e o pagava (o chope) com o próprio dinheiro do vale do Antônio João.

O remorso não era, na verdade, muito: Carlos não sabia de nada, e o que eu fazia não era plágio, porque nem usava matéria assinada por êle, nem punha o meu nome em trabalho dêle. E Laio Martins sorria feliz, comentando com um meu colega de redação: «o Rubem não quer assinar, mas que importa? seu estilo é inconfundível!».

O estilo era inconfundível e o chope era bem tirado; mas você pode ter a certeza, Carlos Drumond de Andrade, que muitas vezes eu o bebi à sua saúde, ou melhor, à saúde do Antônio João, isto é, à nossa. Dos 25 mil réis que Laio me pagava eu dava 5 para o menino que batia à máquina; era muito dinheiro para um menino naquele tempo, e isso fazia o menino feliz. Enfim, lá em São Paulo todos éramos felizes graças ao seu trabalho: Laio, o menino, os leitores e eu — e você em Minas não era feliz. Não creio que possa haver um crime mais perfeito.

O crime  
(de plágio)  
perfeito

depois haveria  
de se chamar  
"O Governador!"

propriamente um!